

BREVE REVISÃO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM CONTEXTOS FUNERÁRIOS NO AMAPÁ

Suiane Sousa¹
Aline dos Santos Coutinho²
Rafael Amaral Stabile³

Resumo

Diversos sítios arqueológicos vêm sendo registrados no Amapá desde o século XIX, sendo que uma parcela significativa desses contextos apresenta evidências funerárias. Mesmo que poucos sítios tenham sido sistematicamente estudados até o momento, nota-se um amplo espaço para pesquisas focadas nos contextos mortuários e no estudo dos remanescentes humanos a eles associados. Como forma de dar destaque a diversidade de sítios funerários e ao seu potencial informativo, as publicações mais relevantes sobre o tema foram revisitadas. Além de muitas perguntas e hipóteses ainda pouco exploradas, a revisão chama atenção para a necessidade de estudos bioarqueológicos e abordagens voltadas sobre as estruturas funerárias, como forma de aprimorar o conhecimento sobre o passado pré-colonial na região.

Palavras-chave: Arqueologia do Amapá; Arqueologia Funerária; Bioarqueologia.

¹ Arqueóloga e bolsista Técnica do NuPArq/IEPA.

² Acadêmica de Licenciatura em História na UNIFAP e bolsista de Iniciação Científica do NuPArq/IEPA.

³ Arqueólogo do NuPArq/IEPA. Aluno do PPGArq-MAE/USP.



1. INTRODUÇÃO

Estudos e expedições arqueológicas vêm sendo realizadas no estuário amazônico e norte do Amapá desde o século XIX (Ferreira Penna 1877, Hartt 1872, Lima Guedes 1896, Goeldi 1905). Embora o desenvolvimento das pesquisas tenha sido descontinuado ao longo de todo século XX, é correto considerar que a região se tornou um grande atrativo para muitos pesquisadores. Como resultado, modelos que explicavam o passado indígena nessa região foram propostos e aperfeiçoados ao longo do tempo (Meggers & Evans 1957, Guapindaia 2001, Nimuendajú 2004, Cabral & Saldanha 2008, Saldanha et al. 2016).

Diversos sítios arqueológicos foram identificados no Amapá, e seus registros permitiram observar a existência de uma diversidade considerável de contextos e da cultura material. Sítios formais de habitação, cemitérios, locais cerimoniais e acampamentos estão presentes no interior, sul, norte e costa estuarina do Estado. Os sítios megalíticos localizados na costa Atlântica ao lado dos cemitérios Maracá, estão entre os contextos mais conhecidos, seja pela expressão monumental desses locais (Saldanha & Cabral 2016a), seja pelo interesse particular provocado pelas cerâmicas Aristé e Maracá em diferentes pesquisadores ao longo do tempo (Guapindaia 2001).

A diversidade de contextos arqueológicos no Amapá é particularmente marcada pela presença de locais destinados a deposição de corpos humanos, frequentemente associados a arranjos funerários singulares. De fato, uma parcela significativa dos sítios arqueológicos conhecidos no Estado apresenta evidências funerárias, seja através da confirmação de remanescentes ósseos humanos ou do registro de urnas cerâmicas depositadas em contextos votivos. Dessa forma, contextos funerários foram abundantemente registrados na região, apresentando também certa diversidade entre si. Esses sítios têm características habitacionais com enterramentos (Saldanha & Cabral 2016b), cerimoniais (Cabral & Saldanha 2008) ou cemitérios formais (Saldanha & Cabral 2016b). A zona estuarina, próxima a capital Macapá, é representativa dessa diversidade. Enquanto sítios arqueológicos como Curiaú Mirim – I apresentam evidências tanto de espaços de habitação quanto de enterramentos humanos, o sítio UNIFAP (AP-MA-05), parece se tratar de um local exclusivamente destinado a deposição de mortos (Saldanha & Cabral 2016b).



Entretanto, é de se notar que apenas uma pequena parcela de todos os sítios já registrados no Amapá foi objeto de escavações em superfície ampla e sistematicamente investigada (Cabral 2011), sendo que, uma parcela menor ainda dos contextos funerários foi estudada de forma específica, focada na compreensão dos espaços de sepultar e do ritual funerário. Além disso, se nota que muitas das análises realizadas nesses sítios apresentam foco sobre os materiais cerâmicos e/ou líticos. Embora essa realidade venha se transformando com o estudo especializado de contextos funerários (Mendonça de Souza et al. 2001, Rapp Py-Daniel 2015, Gambim Júnior 2016) ou mesmo da iconografia associada as cerâmicas desses contextos (Barbosa 2011, Polo 2020), as inúmeras perguntas e hipóteses já levantadas por esses trabalhos demonstram a existência de um amplo espaço para a pesquisa.

As exceções mais importantes a lacuna de estudos focados em contextos funerários no Estado foram o projeto desenvolvido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) na região do Igarapé do Lago (Guapindaia & Machado 1997, Mendonça de Souza et al. 2001); as pesquisas na bacia do Rio Calçoene coordenadas pelo Núcleo de Pesquisa Arqueológica do IEPA (NuPArq/IEPA) (Cabral & Saldanha 2008, Hiriart 2012, Rapp Py-Daniel 2015) e o projeto arqueológico na área da Cerâmica João de Barro, próximo na zona urbana de Macapá (Saldanha & Cabral 2012b, Gambim Júnior 2016). Esses projetos e pesquisas se caracterizaram por abordagens integradas sobre o sítio arqueológico e os sepultamentos e pelo envolvimento de pesquisadoras(es) concentradas(os) na solução de problemas próprios da arqueologia funerária e bioarqueologia.

A arqueologia funerária oferece a oportunidade de observar aspectos particulares do processo de formação dos sítios arqueológicos, dos ritos mortuários e das relações culturais relacionadas ao funeral. A bioarqueologia, enquanto campo específico e voltado ao estudo da biologia humana arqueologicamente contextualizada, abre caminhos para a reconstrução de aspectos biológicos, mas também sociais e culturais do grupo ou do indivíduo no passado (Mendonça de Souza et al. 2013).

Portanto, apesar da diversidade de gestos e de deposições já identificados em sítios funerários no Estado (enterramento de urnas ou com o corpo diretamente sobre o solo,



deposições em poços com câmaras laterais, em abrigos ou grutas), a bioarqueologia e arqueologia funerária têm sido áreas, de modo geral, pouco aproveitadas até o momento. Não se pretende aqui discutir a origem dessa lacuna, já que se trata de um problema de abrangência maior do que a arqueologia desenvolvida no Amapá, com múltiplas causas na Amazônia (Mendonça de Souza 2010). Considerando o atual contexto de pesquisas, o objetivo desse trabalho é apresentar o potencial representado pelos sítios funerários presentes no Amapá através de uma breve revisão das principais publicações sobre o tema. Espera-se com o trabalho dar destaque a perguntas e hipóteses ainda não exploradas e, assim, provocar o interesse no desenvolvimento de estudos voltados para a arqueologia funerária e bioarqueologia em futuros pesquisadores e projetos.

É importante explicar que, os diferentes momentos e perspectivas das pesquisas que abrangem os sítios aqui mencionados tornam bastante desigual o tipo e a quantidade de dados disponíveis para cada um deles. Ou seja, sabemos, comparativamente, menos sobre os contextos explorados na virada do século XIX para o XX do que sobre aqueles sistematicamente investigados durante a década de 1990 por Vera Guapindaia e equipe (2001) ou por Mariana Cabral e João Saldanha (2010) nos anos 2000. Além disso, é de se notar que alguns sítios, como Rego Grande 1, Pacoval e Curiaú Mirim – I, por exemplo, se tornaram referências importantes no quadro de explicações sobre a história da ocupação humana na região. Por isso, a discussão sobre esses e outros sítios de importância similar demandou mais atenção e detalhamento durante esta revisão.

2. AS PRIMEIRAS GRUTAS E POÇOS FUNERÁRIOS

No final do século XIX, o naturalista Domingos Soares Ferreira Penna inaugurou as pesquisas sobre os cemitérios indígenas em grutas Maracá, na região do Igarapé do Lago, município de Mazagão/AP. Embora sua pesquisa tivesse por objetivo a coleta de materiais para a formação do Museu Paraense, suas expedições pelo Rio Maracá resultaram nas primeiras pesquisas sobre esse contexto. O próprio Ferreira Penna (1877), denominou as urnas antropomorfas no interior das grutas como *igaçabas de barro tubulares* e permitiu que o material coletado fosse analisado pelo antropólogo físico João Batista Lacerda do Museu Nacional (Barbosa 2011). Segundo Guapindaia e Machado (1997), o trabalho de Lacerda sobre dois crânios de urnas Maracá identificou dois indivíduos masculinos e, considerando vetores bióticos



de degradação do material, apontou uma antiguidade mínima de um século para esses remanescentes. O geólogo Charles Hartt (1872), através de relação com Ferreira Penna e o Museu Paraense, publicou no *The American Naturalists* descrição de uma urna que “pretendia representar uma figura humana sentada em um banco baixo ou assento” (1872: p. 602).

O final do século XIX também foi marcado pela expedição do suíço Emílio Goeldi, em 1895, na região entre os rios Cassiporé e Cunani, e a escavação de poços funerários com cerâmicas e remanescentes ósseos humanos. Emílio Goeldi levantou diversas hipóteses sobre a chamada cerâmica *Cunany* e interpretações sobre o ritual funerário dos *cunany-uáras*, além de descrições sobre os remanescentes ósseos observados. Para ele, os indígenas da região possivelmente teriam costumes funerários similares aos dos “Aroaquis”, com a cremação do corpo e posterior manutenção dos ossos calcinados em um cesto, com parte das cinzas utilizadas em pinturas e outras enterradas dentro de urnas (Goeldi 1905: p. 29). A hipótese de associação etnográfica construída por Emílio Goeldi será revisitada três décadas depois pelo etnólogo alemão Curt Nimuendajú (2004), após sua expedição aos rios Uaçá e Urucauá. Nimuendajú identificou material cerâmico semelhante ao descrito por Goeldi, embora o padrão de enterramento fosse distinto: ao invés de poços fechados por lajes de granito, as urnas haviam sido depositas em grutas. Nimuendajú, associou essas cerâmicas do tipo *Cunany* aos indígenas do povo Palikur e observou que as mesmas não seriam exclusivas da região, ocorrendo em outros sítios das Guianas (Nimuendajú 2004).

Outro problema importante investigado pelo etnólogo – também baseada em pesquisas prévias realizadas por Goeldi – consistia em encontrar e confirmar os sítios com “estranhas pedras fincadas” – os sítios megalíticos – como marcadores de cemitérios indígenas (Nimuendajú 2001: p. 191). Entretanto, a descrição de seus achados apresenta certa “frustração”, já que se limita a identificação de cacos cerâmicos e evidências inconclusas de que as pedras indicariam a posição de sepultamentos.

Esses dados descrevem as primeiras pesquisas arqueológicas organizadas dentro de uma perspectiva “científica” realizadas na região, ainda que as coletas – em sua maioria, de urnas funerárias – fossem baseadas em critérios estéticos e na integridade das peças. Croquis e



desenhos dos poços e cavernas e pranchas contendo os tipos cerâmicos encontrados foram confeccionados por Lima Guedes e Goeldi, dando origem a uma base inicial de dados sobre os contextos funerários identificados. Nota-se, que a hipótese de associação entre cerâmicas Cunani (mais tarde reconhecidas como Aristé) e o povo indígena Palikur se mantem vigente e já foi objeto de pesquisas dedicadas particularmente ao problema (Green et. al. 2003, Saldanha & Cabral 2014). Além do mais, as primeiras caracterizações dos contextos funerários da região norte do Amapá (com poços, megalíticos e cerâmicas ricamente decoradas), foram o alicerce para as pesquisas posteriores.

3. SÍTIOS MEGALÍTICOS E MODELOS DE OCUPAÇÃO

As pesquisas no Amapá e foz do rio Amazonas tiveram uma pausa após as viagens de Curt Nimuendajú na década de 1920, sendo retomadas com a vinda do casal estadunidenses Betty Meggers e Clifford Evans. Nas décadas de 1940 e 1950, esses pesquisadores do Smithsonian Institution se apoiaram nos resultados de escavações realizadas na foz do Rio Amazonas, mas também em dados de Emílio Goeldi (1905) e Curt Nimuendajú (2004) para propor um esquema de organização dos vestígios arqueológicos nas fases Aruã, Aristé, Mazagão e Maracá (Meggers & Evans 1957).

Os pesquisadores estadunidenses atribuíram os sítios megalíticos, localizados ao norte do Amapá, à fase Aruã (mais antiga), que teria penetrado o Amapá pelo Norte por volta do século XIII d.C. (Meggers & Evans 1957), e representaria a primeira ocupação ceramista do Estado. Além disso, os alinhamentos de pedra foram interpretados como locais cerimoniais associados a fertilidade e realização de rituais. Essa ocupação seria sucedida por ceramistas representados pelas Fases Aristé e Mazagão, que teriam afastado os ceramistas da Fase Aruã em direção às ilhas da foz do rio Amazonas. A ocupação desses ceramistas respectivamente, ao norte e ao sul do rio Araguari, seria interrompida com a chegada dos europeus.

Na mesma época, a pesquisa do alemão Peter Paul Hilbert no baixo Cassiporé propôs que a fase Aristé – responsável por “empurrar” a fase Aruã da região para as ilhas na foz do Amazonas – teria passado por uma transformação das formas de sepultar. Segundo Hilbert (1957: p. 31), uma forma mais antiga se caracterizaria pelo sepultamento secundário dos



remanescentes ósseos em urnas funerárias de tamanho maior. Outra forma, tardia, se caracterizaria pela deposição em urnas de cinzas, derivada de cremação, significativamente menores em relação a fase anterior.

Essa etapa de pesquisas abriu caminhos importantes para a arqueologia regional, desde a introdução de novos métodos (escavação estratigráfica, a análise tipológica e quantitativa dos restos cerâmicos, a seriação, a definição de fases e o estudo de padrões de assentamento) mas, sobretudo, pela proposição de problemas de pesquisa até hoje em discussão, revisão e aprimoramento (Barreto 1992). O modelo de ocupação proposto por Meggers e Evans (1957), por exemplo, foi bastante refinado décadas depois com as pesquisas de Rostain (1994), Cabral e Saldanha (2008) e Saldanha e Cabral (2016a) e a introdução de datações radiocarbônicas.

O trabalho de Rostain (1994), em particular, melhoraram a distribuição espacial e cronológica da Fase Aristé, que estaria distribuída também ao longo do litoral sul da Guiana Francesa e poderia ser dividida entre um estilo mais antigo (a partir do século IV d.C., conhecido como “Ouanari Encoché”) e outro mais tardio (a partir do século X d.C., conhecido como “Enfer Polychrome”) (Rostain 1994: p. 19).

A pesquisa coordenada por Mariana Cabral e João Saldanha do NuPArq/IEPA na bacia do Rio Calçoene, nos anos 2000, se sobrepunha parcialmente, em termos de área abrangida, àquelas já investigadas por Meggers e Evans (1957), Hilbert (1957), Nímuendajú (2004, 2001) e Goeldi (1905). Além disso, se apoiou especialmente sobre o acúmulo de conhecimento resultante da experiência de pesquisas na Guiana Francesa ao longo da década de 1990. Essa área concentra uma quantidade significativa de sítios megalíticos e grutas da Fase Aristé, que consistem em espaços cerimoniais e funerários.

Alguns dos sítios megalíticos dessa região encerram em si poços com diferentes tipos de arranjos funerários e tipos cerâmicos associados, embora estes não sejam espaços exclusivamente cemiteriais (Saldanha & Cabral 2016a). Atrás do padrão mais evidente – o alinhamento de rochas – há variabilidade nas formas de enterrar: diferenças na densidade e deposições de urnas, evidências de cremação e inumação, remanescentes ósseos depositados dentro e fora de urnas, utilização de vasos lisos ou característicos do “inferno policromo” (Cabral



& Saldanha 2017). Entre as principais estruturas megalíticas identificadas, os sítios Rego Grande 1 (AP-CA-18) e Garrafinha (AP-CA-38) foram duas entre quatro que passaram por escavações mais duradouras (Rapp Py-Daniel 2015, Saldanha & Cabral 2012a, Saldanha 2016).

O sítio Rego Grande 1 é um grande monumento com diversas deposições em seu interior. Durante as escavações, quatro poços foram identificados, com muitos materiais cerâmicos, urnas e/ou acompanhamentos funerários (Cabral & Saldanha 2008). A escavação permitiu identificar práticas cerimoniais contínuas, pois alguns poços foram reabertos para modificações no seu interior e a realização de novas deposições (Saldanha & Cabral 2012a). O sítio Garrafinha (AP-CA-38), por sua vez, é composto por um conjunto de estruturas megalíticas alinhadas e muitas rochas deitadas – possivelmente, recobrimdo poços funerários. Em um destes poços (Poço 1), ossos humanos estavam depositados diretamente sobre uma placa de granito em uma câmara lateral. Os remanescentes humanos depositados fora de urna estavam acompanhados 5 vasilhas cerâmicas lisas, interpretadas como acompanhamentos do corpo. O Poço 2 também se caracterizava pela deposição de remanescentes ósseos humanos fora de urna, neste caso acompanhados por uma lâmina de machado polida (Saldanha 2016).



Figuras 1 e 2 – À esquerda, visão geral do alinhamento de rochas no sítio Garrafinha (Ap-CA-38). À direita, deposições do poço funerário 3, na Área 1 do sítio Rego Grande 1 (AP-CA-18). Fonte: Acervo NuPArq/IEPA (2011 e 2010).

Quando comparados aos poços funerários observados por Goeldi (1905), no Monte Curú, as estruturas de poço identificadas por Cabral e Saldanha (2008) possuem uma quantidade menor de deposições de urnas funerárias e vasilhas cerâmicas (Hiriart 2012). Esse dado, entretanto, não diz muito a respeito sobre a quantidade de corpos representados por cada urna



ou deposições fora de urna, já que, a maior parte dos vestígios ósseos encontrados nos poços funerários se encontrava bastante degradada, composta por pequenos fragmentos amorfos e muito friáveis (Rapp Py-Daniel 2015).

De fato, permanece incerta a existência de um padrão de uso de poços e formas de deposição entre todas as estruturas megalíticas conhecidas. As urnas antropomorfas, características dessa fase a partir do ano 1000 A.D., dividem espaço com outras lisas e zoomorfas. A identificação de cemitérios em grutas, a céu aberto, em poços artificiais e associados a uma cerâmica com policromia e representações antropomorfas levou os pesquisadores a levantar a hipótese de uma segmentação social. Algumas pessoas seriam enterradas em espaços específicos (cemitérios restritos), enquanto outras em cemitérios a céu aberto com muitas urnas (Saldanha & Cabral 2012a, Saldanha & Cabral 2016b).

Para Rapp Py-Daniel (2015), mesmo que os sítios cerimoniais-cemitério da Fase Aristé não estejam associados a espaços habitacionais próximos – como indicam os dados atualmente disponíveis – a presença de cemitérios com poços ou em cavernas são evidências que reforçam que esses espaços e a região fossem mantidos pela mesma população ao longo do tempo.

Ainda que poucos sítios tenham sido escavados sistematicamente (Garrafinha e Rego Grande 1), as análises sobre esses apresentaram uma nova perspectiva para discussão de espaços sociais ligados à realização de cerimônias (Saldanha & Cabral 2012a). Pensar nesse contexto como monumentos traz uma discussão sobre esses espaços voltados para realização de rituais, demarcados intencionalmente (Rapp Py-Daniel 2015).

4. AS PESQUISAS DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI NOS ANOS 1980-1990

No sítio Pacoval, localizado em um terraço fluvial junto ao Rio Amazonas, foram registrados em 1986 pelo menos quatro arranjos de urnas funerárias e acompanhamentos associados a uma mancha de “terra preta”. Infelizmente, quando a equipe do setor de arqueologia do MPEG chegou ao sítio, um grupo inteiro de urnas já havia sido removido e apenas uma delas – uma urna antropomorfa com representação de genitália masculina – foi recuperada e encontra-se, hoje, sob salvaguarda do MHJCS em Macapá. Outra parte desse



material se encontra no MPEG, sendo estes, fragmentos cerâmicos coletados de dois cortes estratigráficos do sítio (Pereira et al. 1986). Segundo relato dos operários dirigido aos arqueólogos(as), esse grupo de urnas era composto por uma segunda urna antropomorfa com representações físicas do sexo feminino (Pereira et al. 1986).

É possível que nem todas as 15 urnas recuperadas sejam invólucros de corpos humanos e que, portanto, tenham sido parte dos acompanhamentos funerários e/ou recipiente para oferendas. Fato é, nenhuma análise osteológica, dos sedimentos e carvões identificados no interior das urnas e vasos foi desempenhada, de modo que permanece inexplorado o potencial bioarqueológico desse contexto. Pouco sabemos sobre as condições atuais de preservação dos remanescentes ósseos humanos descritos por Pereira e colaboradores (1986), bem como aspectos da tafonomia associada ao contexto funerário e as urnas ora salvaguardadas em museu.

De acordo com Pereira e colaboradores (1986), os arranjos funerários compostos por urnas obedeciam a duas formas de organização no sítio Pacoval: dois deles com as urnas formando um semicírculo e um terceiro com as urnas alinhadas. Além disso, foi observado que a maioria das urnas foi depositada sobre um círculo de concreção laterítica que lhes serviam de apoio. A utilização de laterita em contextos funerários na região seria depois verificada em outros sítios, conforme descrito abaixo.

Os autores sugeriram que o sítio não teria sido utilizado apenas como cemitério, mas também como moradia. Além disso, o contexto do sítio Pacoval (incluindo as urnas funerárias), teria características já descritas por Meggers e Evans (1957), para a fase Mazagão. Tais como, o padrão de sepultamentos secundários; o formato das urnas predominava-se em tipos simétricos e elipsoides verticais apresentando bordas extrovertidas e espessadas, e evidências de um curto período de ocupação. A associação do sítio Pacoval às cerâmicas Mazagão foi retomada em publicações posteriores, embora com tentativas ainda limitadas de comparação desse sítio com outros contextos regionais (Nunes Filho 2003, Gambim Júnior 2016, Saldanha & Cabral 2016b).

Alguns anos mais tarde o MPEG se envolveria novamente em um projeto de pesquisa no Amapá, dessa vez, motivado pelo interesse acadêmico na região do Rio Maracá e Igarapé do Lago (Guapindaia & Machado 1997). Até aquele momento, as únicas evidências arqueológicas



da chamada cerâmica Maracá conhecidas eram as urnas antropomorfas e zoomorfas registradas por Ferreira Penna (1877) e Lima Guedes (1896).

Diferente de qualquer outra pesquisa ou projeto já desenvolvido no Amapá até aquele momento, o estudo conduzido pelo MPEG, e coordenado por Vera Guapindaia, esteve focado, desde sua formulação, em compreender os sítios funerários. Ao longo do projeto foram identificados sítios-habituação a céu aberto com terra preta localizados próximos das margens do Igarapé do Lago, entretanto, foram as necrópoles em grutas e abrigos que orientaram em grande medida as prospecções e estudos na região (Guapindaia 2000).

A pesquisa conduzida por Vera Guapindaia pode ser considerada de grande relevância para o desenvolvimento da arqueologia regional e amazônica, especialmente por reforçar a complexidade dos gestos funerários e a importância que aspectos relacionados a morte podem assumir na Amazônia (Guapindaia 2004).



Figuras 3 e 4 – À esquerda, registro da Gruta do Veado realizado durante vistoria do NuPArq/IEPA. À direita, fotografia da Gruta do Desesperado durante o mesmo trabalho na região do Igarapé do Lago. A coleta emergencial do material foi realizada, considerando evidências de deterioração do contexto. Fonte: Acervo NuPArq/IEPA (2010).

Nos sítios-cemitérios propriamente ditos, as urnas antropomorfas se encontram depositadas sobre a superfície de grutas ou abrigos em condições de plena exposição. Portanto, a primeira consideração importante e inevitável sobre as grutas e abrigos Maracá é que estes são cemitérios sem enterramentos (Mendonça de Souza et al. 2001). Tanto as cerâmicas quanto os remanescentes humanos estão sob grande impacto de fatores ambientais e bióticos (como a



umidade das grutas, ação de mamíferos, insetos etc.) e humanos (atraídos pelas estruturas funerárias e expectativa de acompanhamentos valiosos).

Entre as hipóteses levantadas por Mendonça de Souza e colaboradoras (2001); destacamos a da intencionalidade de individualização e identificação do corpo, baseada na presença de um único esqueleto humano (limpo e geralmente completo) em cada uma das urnas, na representação do sexo biológico claramente indicada nos vasos e a variabilidade de pinturas e representações de adornos sobre a anatomia das urnas (Mendonça de Souza et al. 2001, Guapindaia 2004). Para as pesquisadoras, no contexto Maracá, de um modo simbólico, a identidade seria preservada, através da guarda dos ossos em recipientes antropomorfos que, “personalizados” e identificáveis, permaneciam expostos (Mendonça de Souza et al. 2001: p.495).

Outras evidências apontam para os cemitérios Maracá como locais de culto ou consulta, de revisitação e, portanto, de proximidade entre os vivos e seus antepassados. Para além da localização relativamente próxima dos cemitérios em relação aos sítios-habitação (Guapindaia 2004), deve-se considerar a já mencionada plena visibilidade das deposições e evidência de manutenção do espaço e das próprias urnas funerárias – em que evidências de reparos foram observadas (Mendonça de Souza et al. 2001).

Dessa forma, pode-se considerar que as pesquisas realizadas pelo MPEG nas décadas de 1980 e 1990 trouxeram para a “superfície” importantes contextos funerários e ocuparam um lapso de pesquisas na região desde a década de 1950. O sítio Pacoval, mantém um dos poucos registros de deposições de urnas antropomorfas agrupadas em “cenas” ou alinhadas. Pesquisas mais recentes (Saldanha & Cabral 2012b, Nunes Filho 2014, Saldanha & Cabral 2016b), em sítios com características similares acabam por chamar atenção para a necessidade de investigar mais a fundo essas ocorrências. Na região do Igarapé do Lago, inúmeras perguntas permanecem sem resposta e reforçam o enorme potencial que as coleções e a própria região mantêm para explicar o passado Maracá.

5. PESQUISAS MAIS RECENTES



No início dos anos 2000 a atuação conjunta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e de aparelhos da gestão local (DETUR, IEPA, CPAq/IEPA, MHJCS, GERCO), imprimiu novo impulso às pesquisas arqueológicas no Amapá. A presença e atuação, em particular, da chefe do CPAq/IEPA, Odete Fátima Machado Silveira, resultou na aproximação da Superintendência Regional do IPHAN (sediada em Belém), no engajamento da arqueóloga Maria Lúcia Pardi (2ªSR/IPHAN) e em um levantamento atualizado de novos sítios na região de Santa Luzia do Pacuí, Bailique, Cutias e Pracuúba (Pardi & Silveira 2005, Saldanha & Cabral 2012c). A articulação entre CPAq/IEPA e Maria Lúcia Pardi, particularmente, contribuiu para a promoção de políticas de valorização da pesquisa, das quais são produto a consolidação de um núcleo regional de pesquisas, o NuPARq/IEPA (Saldanha & Cabral 2012c).

Entre os contextos arqueológicos e, especialmente, os sítios funerários mais importantes dessa nova etapa de pesquisas, o sítio UNIFAP (AP-MA-05), se destaca devido à grande quantidade de urnas em seu interior, depositadas em fossas, mas também pela coexistência de diferentes estilos cerâmicos - Marajoara, Ananatuba, Aruã e Mazagão – no mesmo espaço funerário (Cabral & Saldanha 2009, Saldanha 2016).

Localizado no sul da cidade de Macapá e próximo ao rio Amazonas, o sítio foi investigado em dois momentos distintos e ofereceu novas perspectivas sobre as práticas funerárias na costa estuarina do Amapá. O local foi identificado nos anos 1990, após aberturas de valas na área exporem fragmentos de cerâmicas arqueológicas. Na ocasião, uma equipe do MPEG realizou a delimitação do sítio e o resgate de materiais que estavam expostos (Machado 1997). Porém, escavações amplas e o resgate dos materiais só viriam com um projeto desenvolvido pelo NuPARq/IEPA, após a celebração de um convênio com a Universidade Federal do Amapá, para realização de obras no Campus.

O sítio UNIFAP (AP-MA-05) apresenta características singulares, pois as vasilhas foram depositadas de forma organizada e sistemática: lateritas foram colocadas sobre as estruturas cerâmicas/funerárias em formato de coroa sugerindo um método para demarcar o local de enterramento (Cabral & Saldanha 2008). Além disso, entre as cerâmicas foi identificada uma diversidade de formas e decorações. A coexistência de diferentes estilos cerâmicos e um sítio



com características de cemitério exclusivo é um problema de pesquisa ainda pouco explorado e levanta perguntas sobre a relação entre os invólucros cerâmicos e os indivíduos sepultados no local.

Ademais, o sítio UNIFAP (AP-MA-05), mantém semelhanças interessantes com o sítio Santa Luzia do Pacuí, também em Macapá e recentemente escavado pela equipe do NuPArq/IEPA. Localizado na bacia do rio Pacuí, zona de transição entre terra firme e o setor costeiro estuarino, este sítio já havia sido identificado nos anos 90 por Chymz e colaboradores (1992), quando relataram a ocorrência de material cerâmico em superfície e uma quantidade significativa de urnas. Durante o trabalho mais recente, em 2017, foi confirmada alta densidade de materiais arqueológicos em uma área de, aproximadamente, 90m² (Área 1). Após duas campanhas, foram resgatadas 12 vasilhas cerâmicas inteiras. A exceção de poucos fragmentos cerâmicos dispersos, apenas vasilhas inteiras foram identificadas, sem qualquer outro vestígio material associado (Costa Leite & Silva 2017, 2018).

Dessa forma, a colocação de uma quantidade significativa de vasilhas inteiras, sem sobreposições e a ausência de outros vestígios sugerem que a Área 1 do sítio Santa Luzia do Pacuí se trate de um espaço exclusivamente destinado a deposição de enterramentos e/ou oferendas. Até o momento, 5 vasilhas cerâmicas foram escavadas em laboratório – incluindo uma de grande porte – sem que qualquer vestígio visível tenha sido identificado. Análises de solo estão em andamento para a identificação de assinaturas químicas que possam reforçar a hipótese de se tratar de enterramentos humanos, cujos remanescentes ósseos não se preservaram (Guedes & Frazão 2019).

Ainda na faixa estuarina do Amapá, o sítio Curiaú Mirim – I foi localizado no norte da cidade de Macapá/AP, através de uma urna achada por moradores locais. O Curiaú Mirim - I apresentou estruturas funerárias diversificadas e evidências de áreas habitacionais. O resgate, realizado através do método de decapagem mecânica, evidenciou diversos tipos de enterramentos (dentro de poços com câmaras laterais e em fossas), além de deposições dentro de urnas e diretamente sobre o solo, (Gambim Júnior 2016, Saldanha & Cabral 2012b).



As datas obtidas a partir dos sepultamentos abrangem um período de ocupação aproximado entre 900 A.D. e 1400 A.D. (Gambim Júnior 2016). Conforme mencionado ao longo deste trabalho, o enterramento de urnas em poços funerários é uma forma de sepultar aparentemente difundida entre o estuário e a costa atlântica do Amapá. Entretanto, no sítio Curiaú Mirim – I, chama atenção um poço com 1,30cm de profundidade e três câmaras laterais, cada qual composta por uma única urna funerária e diversos tipos de acompanhamento (Gambim Júnior 2016). Uma urna antropomorfa também foi identificada em uma fossa funerária em um arranjo com outras urnas e vasilhas cerâmicas bastante similar aquele já observado por Pereira e colaboradores (1986) no sítio Pacoval e por Nunes Filho (2014) no sítio Vila Tropical, todos localizados na zona metropolitana de Macapá.

As datações radiocarbônicas permitiram verificar que o enterramento em fossa contendo a urna antropomorfa é mais antigo (séculos X - XI d.C.), enquanto que os poços são uma forma mais recente de sepultamento (séculos XIII - XIV d.C.).

A pesquisa curatorial sobre os remanescentes humanos e acompanhamentos funerários confirmaram uma preservação excepcional de estruturas ósseas – incluindo muitos ossos infantis – incomuns em contextos amazônicos (Coutinho & Stabile 2020). Materiais como conchas, contas de crinóides fósseis, dentes humanos e de animais perfurados foram identificados, esses apresentam características ainda não observadas na região da Amazônia (Gambim Júnior 2016).

No sítio Santo Antônio da Pedreira, próximo ao Rio Pedreira, no limite entre a terra firme e a várzea do Amazonas (Saldanha et al. 2009), as características da deposição funerária também apresentam semelhanças com o padrão verificados em outros contextos da costa estuarina do Amapá: enterramento de urnas, algumas antropomorfas, em poços ou fossas e arranjadas em formato semicircular. No caso de Santo Antônio da Pedreira, duas urnas antropomorfas (uma com característica feminina e outra masculina), e ossos humanos de sepultamento secundários depositados diretamente sobre o solo foram registrados (Saldanha et al. 2009, Saldanha & Cabral 2016b). A escavação da urna antropomorfa foi realizada, permitindo identificar fragmentos do crânio, das costelas, da pelve, das escápulas e clavículas, todos com tintura vermelha (Saldanha & Cabral 2016b).



Ossos humanos com tintura vermelha, também foram observados no sítio Curiaú Mirim – I, associados tanto a urna antropomorfa da estrutura 42C, quanto ao sepultamento em poço com três câmaras laterais identificado como estrutura 1059. Embora, este último tenha sido interpretado como sítio habitacional com enterramentos, o sítio Santo Antônio da Pedreira nunca passou por um processo de escavação sistemático, de modo que não há dados suficientes sobre o processo de formação do sítio e outras estruturas associadas. A realização de análises químicas, como a obtenção de datas radiocarbônicas, devem permitir comparações mais sólidas com outros em sítios da região.

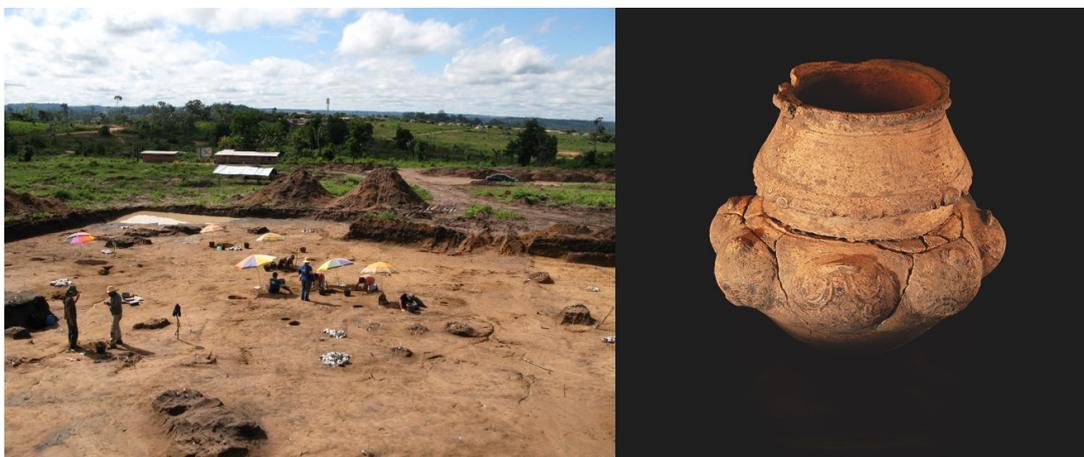
No sítio Laranjal do Jari 1, escavado entre 2009 e 2011 pela equipe do NuPArq/IEPA e próximo à sede municipal de Laranjal do Jari, as estruturas funerárias, em particular, consistiam em enterramentos de urnas – grande parte das quais apresentava remanescentes ósseos visíveis – em áreas associadas as unidades habitacionais e as cerâmicas e não concentradas em uma única área (Barreto 2015). O sítio apresentou dois horizontes de ocupação: um associado a cerâmica Jari (séculos VII – XI d.C.) e outro a Koriabo (século XI -XV d.C.)

Barreto (2015) observou que em algumas porções do sítio os sepultamentos apresentam certos padrões: um deles se caracteriza pela associação de remanescentes humanos, depositados junto a vasilhas inteiras ou quebradas da Fase Jari, frequentemente com marcas de erosão interna e fuligem. Quando estes sepultamentos estão localizados próximos ou no interior de agrupamentos domésticos, aparecem associados a outras estruturas cerâmicas não-funerárias. Esse padrão contrasta com o de outras áreas do sítio, onde os sepultamentos aparecem desassociados das unidades habitacionais.

Também no sítio Laranjal do Jari II (Saldanha & Cabral 2013) não existem concentrações de urnas funerárias, de modo que os sepultamentos parecem estar associados aos locais de circulação convivência cotidiana. As diferentes condições de preservação verificadas entre os remanescentes ósseos dos sepultamentos associados ao horizonte Jari de ocupação e o Koriabo, levaram Rapp Py-Daniel a considerar a possibilidade de processos tafonômicos diferentes entre as ocupações da região. Enquanto os ossos da estrutura 223 de Laranjal do Jari 1 apresentou



conservação excepcional, o material ósseo da fase Koriabo, em Laranjal do Jari II está em péssimo estado (Rapp Py-Daniel 2015).



Figuras 5 e 64 – À esquerda, visão geral do sítio Laranjal do Jari 1. Escavação realizado pela técnica de decapagem mecânica permite a exposição horizontal das estruturas arqueológicas em área amplas Acervo NuPARq/IEPA (2009). À direita, vasilha tórica da Estrutura 123 do sítio Laranjal do Jari 2. Embora não se trate de uma estrutura funerária, a peça é representativa da coleção Koriabo recuperada do sítio. Fonte: Acervo Maurício de Paiva (2018).

Vale mencionar que os remanescentes ósseos humanos do sítio Laranjal do Jari 1 nunca foram objeto de análise específica, enquanto os contextos funerários e material ósseo de Laranjal do Jari foi objeto do trabalho de Rapp Py-Daniel (2015).

As evidências de reuso de vasilhas domésticas em funerais no Laranjal do Jari 1 também foram observadas em um sítio geograficamente próximo, chamado de sítio Dona Dalvina. Localizado à margem do Rio Iratapuru, Dona Dalvina foi identificado através da dispersão de materiais líticos e cerâmicos em superfície. As escavações delimitaram uma única urna funerária com remanescentes ósseos humanos acompanhados por uma lâmina lítica de machado polida. Conforme mencionado, a vasilha utilizada como urna para os ossos apresentava nítidas marcas de queima e fuligem na base, sugerindo que vasilhas domésticas foram reutilizadas em rituais funerários (Nazaré 2020).

Sobre a relação entre espaços de vivos e mortos, um elemento comum no Amapá e em toda a Amazônia, Rapp Py Daniel (2015: p. 292), lembra que “medo e respeito pelos mortos



andam juntos para muitas comunidades amazônicas”, de modo que o padrão de enterrar ancestrais no interior de residências ou em espaços comuns à comunidade dialoga com os dados arqueológicos conhecidos para a calha do rio Amazonas.

Muito embora o sítio Dona Dalvina (ainda sem datas disponíveis) não apresente dados conclusivos sobre espaços de habitação, ou áreas exclusivas para sepultamentos, sua proximidade geográfica do Laranjal do Jari 1 e as evidências de um horizonte de ocupação associado as cerâmicas Koriabo (Nazaré 2020), chamam atenção para um padrão de ocupação e gestos funerários característicos da região sul do Amapá.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma parte importante dos acervos arqueológicos amazônicos, são constituídos por urnas funerárias, remanescentes humanos e seus acompanhamentos mortuários. Esses acervos representam uma grande diversidade de expressões sobre a morte e os ritos funerários em sítios arqueológicos. No Amapá, a revisão da literatura arqueológica indica que as pesquisas no Estado estão, historicamente, alicerçadas em sítios funerários, estejam elas baseadas em abordagens especializadas (arqueologia funerária e/ou bioarqueologia) ou não. Nas últimas duas décadas convergiram pessoas, possibilidades e técnicas que favoreceram um novo desenvolvimento da arqueologia do Amapá. Além disso, dados, históricos e atuais revelam um enorme potencial ainda velado. Como exemplo, podemos citar desde a quantidade significativa de contextos funerários já encontrados; a diversidade ritual presente em sítios cerimoniais, mas também em sítios-habitação e cemitérios; e a preservação excepcional de remanescentes ósseos em alguns desses contextos.

A própria evolução dos modelos que explicam a ocupação pré-colonial na região fala a favor da importância de investigar especificamente as estruturas funerárias, já que muitas das evidências e dados produzidos vieram dali (Meggers & Evans 1957, Rostain 1994, Guapindaia 2001, Cabral & Saldanha 2008).



Referências

- Barbosa, C. A. P. 2011. As iconografias das urnas funerárias antropomorfas Maracá (Amapá): a coleção da Gruta das Caretas. Dissertação de Mestrado. Teresina, Universidade Federal do Piauí.
- Barreto, M. V. 1992. História da Pesquisa Arqueológica no Museu Paraense Emilio Goeldi. In: *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, Série Antropologia, vol. 8(2), Belém – Pará.
- Barreto, B. S. 2015. Diacronia e cultura material no sítio Laranjal do Jari 01: um assentamento associado às cerâmicas Jari e Koriabo, baixo rio Jari, sul do Amapá (670-1450 AD). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras (SE).
- Cabral, M. P. 2011. Juntando os cacos: uma reflexão sobre a classificação da fase Koriabo no Amapá. *Amazônica*, v. 3, n.1, p.88-106.
- Cabral, M. P. e J. D. M. Saldanha. 2008. Paisagens megalíticas na costa Norte do Amapá. *Revista de Arqueologia*, v. 21, p. 03-20.
- _____. 2009a. Um sítio, múltiplas interpretações: o caso do chamado Stonehenge do Amapá. *Revista de Arqueologia*, v. 22, p. 115-123.
- _____. 2009b. Primeiro relatório semestral do Programa de Resgate Arqueológico no Campus Marco Zero da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, AP. Macapá: IEPA.
- _____. 2010. Ocupações Pré-Coloniais no Setor Costeiro Atlântico do Amapá. *Arqueologia Amazônica*, vol. 25, n. 1, p. 49-6
- _____. 2017. Sítios Megalíticos en la Guayana Oriental. In: Stephen Rostain; Carla Jaimes Betancourt. (Org.). *Las Siete Maravillas de la Amazonía precolombina*. 1ed. Bonn: Institut für Archäologie und Kulturanthropologie Universität Bonn, 2017, v. 1 , p. 137-231.
- Chymz, I, Sganzerla, E. M. e J. E. Volcov. 1992. Patrimônio Arqueológico da Área da Rodovia AP-070: trecho Santa Luzia do Pacuí – Foz do Rio Gurijuba, Amapá. *Arqueologia*, v.9, p.67-106.
- Coutinho, A. S. e R. A. Stabile. 2020. Velho, mas não obsoleto: Curadoria e requalificação dos remanescentes humanos de origem arqueológica do NuPArq/IEPA. Relatório de Iniciação Científica. Macapá: IEPA
- Costa Leite, L. F. S. e M. B. Silva. 2017. Projeto de Resgate do Cantanzal II. Relatório Final. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá – IEPA, Macapá.
- _____. 2018. Projeto de Resgate do sítio Santa Luzia do Pacuí. Primeiro Relatório Parcial. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá – IEPA, Macapá.
- Ferreira Penna, D. S. 1877. Apontamentos sobre os cerâmicos do Pará. *Archivos do Museu Nacional*, v. 2, p.46-71.
- Gambim Júnior, A. 2016. Corpo, Vida e Morte na Foz do Rio Amazonas: As Estruturas Funerárias do Sítio Curiaú Mirim I/AP. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Goeldi, E. A 1905. *Escavações archeológicas em 1895*: Executadas pelo Museu Paraense no littoral da Guyana Brasileira entre Oyapock e Amazonas. I' Parte. As cavernas funerarias artificiaes de Indios hoje extinctos no Rio Cunany (Goanany) c sua ceramica. Belém, Museu Paraense de História Natural e Ethnographia.43 p. (Memórias do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia, I). Reimpressão da edição original de 1900.



- Green, L. F., D. R., Green, e E. G. Neves. 2003. Indigenous knowledge and archaeological science: The challenges of public archaeology in the Reserva Uaçá. *Journal of Social Archaeology*, 3(3), 366-398.
- Guapindaia, V. 2000. Relatório de atividades do Projeto Estudos Arqueológicos no Amapá: Resgate da Pré-História da Região do Rio Maracá-Igarapé do Lago. *Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi*.
- _____. 2001. Encountering the ancestors: the Maracá urns. In: McEwan, C.; Barreto, C.; Neves, E. G. (eds) *Unknown Amazon: culture in nature in ancient Brazil*. London: British Museum Press.
- _____. 2004. Práticas Funerárias Pré-históricas na Amazônia: as Urnas Maracá. *Margens/Márgenes*, Belo Horizonte, 5: 36-49
- Guapindaia, V. e A. L. C. Machado. 1997. O potencial arqueológico da região do rio Maracá/Igarapé do Lago (AP). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia)*, v. 13, n. 1, p. 67-102
- Guedes, M. V. B. e K. M. R. Frazão. 2019. Pensando além da cultura material: uma abordagem geoarqueológica dos sítios Santa Luzia do Pacuí e Cantanzal II, Amapá, Brasil. Relatório de Iniciação Científica. Macapá: IEPA
- Hartt, C. F. 1872. On the occurrence of Face urns in Brazil. *The American Naturalist*, v. 6, n. 10, p.607-610.
- Hilbert, P.P. 1957. Contribuição à Arqueologia do Amapá: Fase Aristé. Belém, *Boletim do MPEG (Antropologia 1)*.
- Hiriart, M. 2012. La culture Aristé, les sites mégalithiques et les puits funéraires en Amazonie brésilienne (Amapá). Dissertação de Mestrado. Paris, Université Paris 1/Sorbonne
- Lima Guedes, A. P. 1986. Relatório sobre uma missão etnográfica e archeologica aos rios Maracá e Anauerá-pucu (Guyana Brasileira), realizada pelo Tenente Coronel Aureliano Pinto L. Guedes. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Tomo I, p.42-54
- Machado, A. 1997. Relatório do Salvamento Arqueológico do Sítio AP-MA5: Campus Universitário Macapá-AP. Belém: MPEG
- Meggers, B. e C. Evans. 1957. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bulletin of the Bureau of American Ethnology*, n.167.
- Mendonça de Souza, S. M. F. (2010). O silêncio bioarqueológico da Amazônia: Entre o mito da diluição demográfica e a diluição biológica na floresta tropical. *Arqueologia amazônica*, 1.
- Mendonça de Souza, S., V. Guapindaia, e C. Rodrigues-Carvalho. 2001. A Necrópole Maracá e os Problemas Interpretativos em um Cemitério sem Enterramentos. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia Emílio Goeldi*, v. 17(2), 479-520.
- Mendonça de Souza, S. M. F., V. Wesolowski, A. Lessa, e C. Rodrigues-Carvalho. 2013. Escavar e interpretar lugares de deposição de mortos, in: M. D. Gaspar e S. M. F. Mendonça de Souza, *Abordagens Estratégicas em Sambaquis*. Erechim, Editora Habilis.
- Nazaré, A. S. 2020. Projeto de Análise: Arqueologia Preventiva nas Áreas de Intervenção da UHE Cachoeira Santo Antônio do Jari, AP/PA. Relatório Final. Instituto de Pesquisas Arqueológicas do Amapá, IEPA.
- Nimuendajú, C. 2001. Excursões pela Amazônia. *Revista de Antropologia*, v. 44, n. 2.
- _____. 2004. In pursuit of a past Amazon: archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. Göteborg: *Etnologiska Studier*, 45



- Nunes Filho, E. P. 2003. Túmulos Pré-Históricos em Poço com Câmara, no Amapá. *Revista Clio Arqueológica-Nº16. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Ed. Universitária, 1.*
- Nunes Filho, E. P. 2014. Relatório final do projeto de resgate emergencial do sítio arqueológico ap-ma: Vila Tropical, no loteamento Manari Village, Macapá-AP. Macapá: CEPAP/UNIFAP
- Pardi, M. L. e O. F. M. Silveira. 2005. Amapá: gestão do patrimônio arqueológico e o programa estadual de preservação, in: Anais Eletrônicos do XIII Congresso da SAB: arqueologia, patrimônio e turismo. Campo Grande: Ed. Oeste
- Pereira, E. S.; D. C. Kern, e C. U. V. Veríssimo. 1986. Nota sobre o salvamento arqueológico do sítio AP-MA-03 Pacoval, Macapá-AP. *Revista Cento Estud. Pesqui. Arqueol. Curitiba, 5:55~7.*
- Polo, M. J. 2020. Além do Igarapé do Lago: revisitando o conjunto Maracá à Luz de outros contextos funerários antropozoomórficos do Amapá e sua costa estuarina. *Revista de Arqueologia, v.33, n.1, p. 126-145*
- Rapp Py-Daniel, A. 2015. Os contextos funerários na arqueologia da calha do Rio Amazonas. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Rostain, S. 1994. Archéologie du littoral de Guyane. Une région charnière entre les influences culturelles de l'Orénoque et de l'Amazone. *Journal de la Société des Américanistes. Tomo 80, pp. 9-46*
- Saldanha, J. D. M., M. P. Cabral, e L. F. S. Garcia. 2009. Projeto de Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial ao longo da Rodovia EAP070, Amapá. Relatório Final. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá – IEPA, Macapá.
- Saldanha, J. D. M. e M. P. Cabral. 2012a. Potes e pedras: uma gramática de monumentos megalíticos e lugares naturais na costa norte do Amapá. *Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso), v. 25, p. 48-57.*
- _____. 2012b. Resgate Curiaú Mirim I. Relatório Final. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá – IEPA, Macapá.
- _____. 2012c. Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do IEPA: Um balanço da sua contribuição ao Estado do Amapá nos seus sete anos de existência. In: Oliveira, A. e Grael, L. IEPA: Contribuições para o desenvolvimento Sustentável no Amapá.
- _____. 2014. A longa história indígena na costa norte do Amapá. *Anuário Antropológico, (II), 99-114.*
- _____. 2016a. Estruturas Rituais Pré-Coloniais na Costa do Amapá. *Habitus, v. 14, p. 73-86.*
- _____. 2016b. O Estuário do Amazonas Revisitado: recentes pesquisas junto ao canal norte. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico, v. 25, p. 194-235.*
- Saldanha, J. D. M. 2016. Poços, Potes e Pedras: Uma Longa História Indígena na Costa da Guayana. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Saldanha, J. D. M., M. P. Cabral, A. S. Nazaré, J. S. Lima, e M. B. F. Silva. 2016. Os complexos cerâmicos do Amapá: proposta de uma nova sistematização, in: Barreto, C.; Lima, H. P.; Betancourt, C. J. (org) Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese. Belém: IPHAN, MPEG.

